

# *fontes*

Daniel Precioso

Universidade Estadual de Goiás (UEG). Departamento de História, Campus Sudoeste, Quirinópolis, GO, Brasil.

[daniel.precioso@gmail.com](mailto:daniel.precioso@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0003-1605-7135>

## **Religiões centro-africanas pela ótica de um capuchinho: rituais, objetos sagrados e sacerdócios na *Istorica Descrizione* (1687), de Giovanni Cavazzi**

## **Central African Religions From the Perspective of a Capuchin: Rituals, Sacred Objects and Priesthoods in *Istorica Descrizione* (1687), by Giovanni Cavazzi**

**Resumo:** O documento que ora traduzimos e transcrevemos consiste em uma descrição das religiões centro-africanas em meados do século XVII, feita pelo missionário capuchinho italiano Giovanni António Cavazzi da Montecúccolo. Reproduzimos integralmente os subtítulos “Da Idolatria” e “Dos Sacerdócios”, do Livro Primeiro de *Istorica Descrizione De’ Tre’ Regni Congo, Matamba, et Angola*, obra publicada originalmente em italiano em 1687. As referidas seções desta obra são de grande interesse para os estudiosos das religiões africanas, tal como praticadas na região congo-angolana durante o século XVII, mas também àqueles que se dedicam à análise dos chamados “calundus” praticados no Brasil colonial.

**Palavras-chave:** Giovanni Cavazzi; religiões centro-africanas; século XVII.

**Abstract:** The document that we now translate and transcribe consists of a description of Central

African religions in the mid-17th century, made by the Italian Capuchin missionary Giovanni António Cavazzi da Montecúccolo. We reproduce in full the subtitles "Da Idolatria" and "Dos Sacerdócios", from the First Book of *Istorica Descrizione De' Tre' Regni Congo, Matamba, et Angola*, a work originally published in Italian in 1687. The aforementioned sections of this work are of great interest to scholars of African religions, as practiced in the Congo-Angolan region during the 17th century, but also those who dedicate themselves to the analysis of the so-called "calundus" practiced in colonial Brazil.

**Keywords:** Giovanni Cavazzi; Central-african religions; 17<sup>th</sup> century.

O missionário capuchinho italiano Giovanni António Cavazzi da Montecúccolo percorreu os reinos do Congo, Angola e Matamba em meados do século XVII. Chegou em Luanda em 1654, junto com a Quarta Missão dos Capuchinhos<sup>1</sup>, liderada por António de Gaeta, com o qual partiu depois em direção ao *hinterland*, à leste das possessões portuguesas na região. Em 1660, Cavazzi visitou a corte da rainha Njinga (em Matamba) e o Reino do Congo. Retornaria à Matamba em 1662 e por lá ficaria mais alguns anos, sucedendo Gaeta na função de padre confessor de Njinga, cujo funeral realizou em 1665<sup>2</sup>.

Adoentado por um envenenamento, Cavazzi regressou à Itália em 1667. Uma vez em solo italiano, a Propaganda Fide lhe encarregou da escrita da história da missão capuchinha em Angola, Matamba e Congo de 1645 a 1670. Esta encomenda resultou na *Istorica Descrizione De' Tre' Regni Congo, Matamba, et Angola*<sup>3</sup>. Esta obra ampara-se em suas experiências *in loco*, mas também em relatos de missionários que o precederam na região – como Girolamo da Montesarchio, cujos escritos ele consultou nos arquivos italianos. Os dados presentes na *Istorica Descrizione* parecem não ter agradado, à princípio, a congregação católica encomendadora, já que

<sup>1</sup> Sobre as missões seiscentistas dos capuchinhos na África Centro-Oidental, Cf. entre outros, Anne Hilton. *The Kingdom of Kongo*. Oxford: Clarendon Press, 1985, p. 190; e Rosana Andréa Gonçalves. *África indômita: missionários capuchinhos no Reino do Congo (século XVII)*. Dissertação de Mestrado em História: Universidade de São Paulo, 2008, p. 10.

<sup>2</sup> Alberto Oliveira Pinto. "Representações culturais da rainha Njinga Mbandi (c.1582-1663) no discurso colonial e no discurso nacionalista angolano", in: Célia C. S. Tavares e Maria Leonor G. Cruz (org.). *Estudos imagética*. Rio de Janeiro: UERJ/CH-FLUL, 2014, pp. 3-4. Sobre a rainha Njinga, Cf. ainda: Roy Glasgow. *Nzinga*. São Paulo: Perspectiva, 2013; Linda M. Heywood. *Jinga de Angola: a rainha guerreira da África*. São Paulo: Todavia, 2019; Selma Pantoja. *Nzinga Mbandi: mulher, guerra e escravidão*. Brasília: Thesaurus, 2000; Adriano Parreira. *Economia e sociedade em Angola na época da Rainha Jinga (século XVII)*. Lisboa: Estampa, 1997.

<sup>3</sup> Ioneide Maria Piffano Brion de Souza. "Cavazzi e o enselvajamento de Nzinga Mbandi". *Revista Ars Histórica*, 17 (2018), p. 65.

a Propaganda Fide relutou em publicá-la, autorizando sua primeira impressão apenas postumamente, em 1687, cerca de nove anos após da morte de Cavazzi.

*Istorica Descrizione* é a obra mais famosa de Cavazzi, tendo recebido traduções alemãs e francesas entre fins do século XVII e inícios do XVIII<sup>4</sup>. Trabalhos matriciais de historiadores e antropólogos atuais sobre a religião no Reino do Congo e em Angola, como os de Wyatt MacGaffey<sup>5</sup>, James Sweet<sup>6</sup> e John Thornton<sup>7</sup>, valeram-se amplamente dos relatos do missionário capuchinho. O trecho traduzido e transcrito abaixo consiste nos parágrafos 166 a 204 do Livro Primeiro, abarcando os subtítulos “Da Idolatria” e “Dos Sacerdotes”, consultado em formato digitalizado de um exemplar pertencente à Bibliotheca Majori do Collegio Romano della Società de Iesu<sup>8</sup>.

Os relatos de Cavazzi nos dão conta da grande tenacidade das práticas religiosas centro-africanas em meio à expansão do catolicismo na região congo-angolana: segundo o missionário, os nativos se convertiam ao catolicismo apenas para obter dividendos e “graça dos príncipes”<sup>9</sup>, retornando facilmente às crenças antigas sob a influência de sacerdotes das religiões tradicionais.<sup>10</sup> Segundo Cavazzi, a população local também amparava e escondia sacerdotes nativos perseguidos pelas lideranças católicas na região. Esta

---

<sup>4</sup> Alberto Oliveira Pinto. “Representações culturais”, *op.cit.*, p.5.

<sup>5</sup> Wyatt MacGaffey. *Religion and Society in Central Africa*. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

<sup>6</sup> James Sweet. *Recriar África*. Cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770). Lisboa: Edições 70, 2007.

<sup>7</sup> John K. Thornton. “Afro-Christian Syncretism in the Kingdom of Kongo. *Journal of African History*”, 54 (2013), pp. 53-77; John K. Thornton. “Religião e vida ceremonial no Congo e áreas Umbundo, de 1500 a 1700”, in: L. M. Heywood (org.). *Diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2019, pp. 81-100.

<sup>8</sup> P. Giovanni Antonio Cavazzi da Montecuccolo. *Istorica Descrizione De' Tre' Regni Congo, Matamba, et Angola situati nell' Etiopia Inferiore Occidentale e delle Missioni Apostoliche Esercitatevi da Religiosi Capuccini*. Bologna: Per Giacomo Monti, 1687, pp. 69-88. O Collegio Romano – instituição mantenedora da versão original italiana que consultamos em formato digital, disponível no sítio archive.com – foi construído no século XVI à mando do papa Gregório XIII e centralizou as escolas católicas de Roma. Para além da obra de Cavazzi, a biblioteca do Collegio guarda os impressos originais de outros missionários capuchinhos atuantes em África nos seiscentos. Há uma tradução portuguesa de *Istorica Descrizione* de Cavazzi, publicada em 1965 pela Junta de Investigação do Ultramar, mas nos valemos do texto original em italiano para uma nova tradução para o português, pois a tradução de 1965 – além de ter sido feito a partir de uma norma ortográfica diferente da atualmente vigente no Brasil – apresenta parágrafos truncados, o que prejudica a compreensão dos leitores atuais.

<sup>9</sup> Giovanni Cavazzi. *Istorica Descrizione*, *op.cit.*, p.70.

<sup>10</sup> *Idem*, p.88.

persistência da religião nativa foi definida pelo missionário capuchinho como uma “infecção contagiosa”<sup>11</sup>.

A definição das religiões nativas como monoteístas/politeístas pelos próprios congoleses e povos vizinhos foi tratada por Cavazzi como um “grande sofisma”, pois ao mesmo tempo em que acreditavam em um Deus criador (Nzambampungu), efetivamente davam culto e adoração à vários deuses menores.<sup>12</sup> Assim, embora os nativos admitissem a existência de um deus único, criador, recorriam a deuses inferiores para obterem graças imediatas. Para tanto, confeccionavam e adoravam “ídolos” – na verdade, *nkisis* (no plural, *minkisi*), isto é, estatuetas/objetos sagrados que materializavam/aprisionavam as forças de entidades/espíritos<sup>13</sup>. Até mesmo no Reino do Congo cristianizado e nas possessões portuguesas em Angola, os habitantes locais recorriam a essas entidades-*nkisi* para a cura de doenças e para encontrarem respostas à uma série de outras demandas. Estes objetos sagrados e estatuetas de entidades/espíritos eram mantidos nas casas dos habitantes da região, “postos nas paredes”<sup>14</sup>.

Cavazzi oscila entre a crença na eficácia destes *nkisis* e a denúncia dos seus fracassos. Sua linha de argumentação varia entre a criminalização da religião nativa como “pacto demoníaco” e a caracterização dos sacerdotes locais como “farsantes”. Segundo o missionário, quando tudo não passava de enganação e exploração da credulidade dos nativos, tidos por ele como “idólatras e ignorantes”,<sup>15</sup> havendo eficácia ritual, esta só podia ser explicada pelo pacto com o Demônio. Exemplo disso, segundo ele, são os sacos de feitiços dos sacerdotes chamados Ngombos, que, quando lançados ao fogo pelos missionários, causavam dores de cabeças e desconfortos intestinais<sup>16</sup>. Na ótica de Cavazzi, esses efeitos eram diabólicos.

O missionário capuchinho – a exemplo dos inquisidores<sup>17</sup> – tratava os *nkisis* como “ídolos”. No entender de Cavazzi, os centro-africanos eram “idólatras”, pois cultuavam imagens de deuses “pagãos”. Estas estatuetas/objetos sagrados de cultos centro-africanos tinham, segundo o missionário, “aparência humana, de

---

<sup>11</sup> *Idem*, p. 70.

<sup>12</sup> *Idem*, p. 71.

<sup>13</sup> Daniel Precioso. *Catarina Juliana*: uma sacerdotisa angola e sua sociedade de culto no interior de Angola – século XVIII. Jundiaí, SP: Paco, 2021, pp. 86-87.

<sup>14</sup> Giovanni Cavazzi. *Istorica Descrizione*, *op.cit.*, p.71.

<sup>15</sup> *Idem*, p. 72.

<sup>16</sup> *Idem*, p. 77.

<sup>17</sup> Daniel Precioso. *Catarina Juliana*, *op.cit.*, pp. 86-87, *passim*.

machos e fêmeas, de animais e de demônios”<sup>18</sup>. Excetuando a descrição etnocêntrica destes objetos sagrados como “demoníacos”, a referência à aparência humana destas imagens, por exemplo, interessa ao pesquisador das religiões africanas seiscentistas. Neste sentido, concluímos que as “etnografias” feitas pelo missionário trazem descrições relevantes dos objetos de cultos, cerimônias, rituais e tipos de sacerdócio congo-angolanos;<sup>19</sup> ao passo que as suas “etnologias”, ou seja, as interpretações que o missionário arrisca destas religiões, são quase sempre etnocêntricas, marcadas na maioria das vezes pelo seu preconceito e pela demonização das religiões tradicionais da África Centro-Ocidental.

Já que os missionários não eram antropólogos, e pretendiam apenas conhecer as religiões dos povos africanos para melhor catequizá-los, não surpreende o etnocentrismo de Cavazzi ao definir as como “bárbaras” e “imundas”<sup>20</sup>. Sob essa mesma ótica, entende-se a ênfase dada por ele aos sacrifícios de animais e de homens praticados nas religiões congo-angolana, os quais acompanhavam as festas maiores a partir do quarto dia – o que o leva a concluir que “tudo consiste em carnificina, sujeira e porcaria”<sup>21</sup>.

Etnocentrismos à parte, passaremos a elencar os rituais e sacerdócios descritos por ele. Segundo Cavazzi, os ritos centro-africanos ocorriam nas seguintes ocasiões: renovação da lua; vitória militar; recuperação da saúde ou outro benefício a ser alcançado (quando do lançamento da construção de uma casa ou início de uma plantação). Nos dois últimos casos, tratavam-se de rituais de agradecimento por alguma graça alcançada ou ainda por se alcançar. Estes rituais envolviam, via de regra, “dança, música, festa e comida”<sup>22</sup>.

Parte muito relevante dos relatos abaixo transcritos de Cavazzi é aquela referente aos tipos de sacerdócio existentes na região congo-angolana em meados do século XVII. Imbuído do ideal hierárquico católico, o missionário capuchinho começa a sua descrição dos *ngangas* centro-africanos pelo que considerou o “sumo

---

<sup>18</sup> Giovanni Cavazzi. *Istorica Descrizione*, op.cit., p.71.

<sup>19</sup> Com efeito, as páginas 73-74 de *Istorica Descrizione* trazem descrições de grande valor para o pesquisador hodierno sobre as cerimônias de culto aos deuses congoleses, desde que sejam expurgados os termos etnocêntricos e preconceituosos.

<sup>20</sup> Giovanni Cavazzi. *Istorica Descrizione*, op.cit., p.71.

<sup>21</sup> *Idem*, p. 74.

<sup>22</sup> *Idem*, p. 72.

sacerdote": o Chitôme<sup>23</sup>. Este era considerado "um deus na Terra" e todos os habitantes locais ofereciam a ele os primeiros frutos das suas plantações, visando bonanças em colheitas futuras.<sup>24</sup> Ainda a partir de um prisma cristão, Cavazzi compara essas doações aos dízimos católicos<sup>25</sup>. O grande prestígio do Chitôme levou Cavazzi a lhe conceder muitas páginas no seu relato. Ele observa que este líder religioso supremo avalizava a investidura de soberanias locais, validava casamentos e, como se acreditava nas regiões visitadas pelo missionário, não falecia de "morte natural"<sup>26</sup>.

Seguindo a ordem de importância destes *ngangas*, Cavazzi faz referência à sacerdotes que: julgavam suspeitos de cometerem crimes<sup>27</sup>; adivinhavam o futuro e revertiam enfermidades<sup>28</sup>; protegiam os habitantes locais de raios e de outras ameaças naturais<sup>29</sup>; promoviam vinganças<sup>30</sup>; manipulavam a natureza e faziam chover<sup>31</sup>; propiciavam a fertilidade dos campos e das mulheres<sup>32</sup>; garantiam a vitória nas guerras<sup>33</sup>; fabricavam antídotos para envenenados<sup>34</sup>; realizavam funerais e ressuscitavam mortos<sup>35</sup>; promoviam reuniões secretas<sup>36</sup>; e encantavam animais para caçá-los com facilidade<sup>37</sup>. A maioria destes *ngangas* era, no entanto, composta por curandeiros, o que nos ajuda a entender o prestígio que gozavam perante a população local.

---

<sup>23</sup> Optamos por manter a grafia usada por Cavazzi na edição original da *Istorica Descrizione* para descrever os tipos de sacerdócio existentes na região centro-africana por ele percorrida.

<sup>24</sup> Giovanni Cavazzi. *Istorica Descrizione*, op.cit., p. 74.

<sup>25</sup> Curiosamente, o missionário realiza uma interpretação da religião alógena a partir da sua própria, embora condene os centro-africanos pela interpretação própria que faziam do catolicismo que os invasores europeus queriam incutir. É claro que, para Cavazzi, o catolicismo era a única religião verdadeira, e não se colocava a questão da interpretação da cultura alheia pela perspectiva nativa. Mas não podemos deixar de assinalar este paradoxo.

<sup>26</sup> Giovanni Cavazzi. *Istorica Descrizione*, op.cit., p.76.

<sup>27</sup> É o caso do Ngômbo, o segundo em importância na região congolesa. *Idem*, p.78.

<sup>28</sup> Ngômbo, Amoloco, Mutinù-à-Maza, Molonga, Nconi, Nzasi, Ngodi, Nsambi, Maluta, Matumba, Ngulungù, Nbazi e Iffacù. *Idem*, 1687, pp. 77, 81, 81, 82, 82-83, 83, 83, 84, 84, 84, 84, respectivamente.

<sup>29</sup> Amoloco. *Idem*, p. 81.

<sup>30</sup> Ngosci. *Idem*, p. 79.

<sup>31</sup> Npindi. *Idem*.

<sup>32</sup> Amobundù e Mneme. *Idem*, pp. 81-82 e 84, respectivamente.

<sup>33</sup> Npungu. *Idem*, p. 84.

<sup>34</sup> Cabonzo. *Idem*.

<sup>35</sup> Nequiti e Atombola. *Idem*, pp. 85 e 87, respectivamente.

<sup>36</sup> Os Chimpasso [Kimpassi]. *Idem*, p. 85.

<sup>37</sup> Ngurianambua, Nbacassa e Npombolo. *Idem*, p. 87.

As formas rituais usadas por estes sacerdotes, bem como suas vestimentas, habitações e objetos sagrados, eram os mais diversos, envolvendo: manter constantemente o fogo acesso em sua casa; andar de ponta-cabeça ou realizar outras acrobacias; viver em montanhas e grutas ou em lugares remotos e vales profundos; viver com muitas esposas (dedicando um *nkisi* a cada uma delas); manipular os quatro elementos naturais (água, fogo, ar e terra), fazendo chover; levantar montes de terras para cultuar entidades (dando-lhes oferendas de comidas e perfumes); lançar vasos em rios para recolher “feitiços”; entregar aos consulentes potes com penas e argilas para serem enterrados (visando boas colheitas); tirar do fundo de uma panela quente alguns ingredientes (para adivinhar se o doente-consulente vai se curar ou não); trazer um *nkisi* “pequeno e mutilado” preso no cinto (para penetrar na doença dos consulentes); curar doenças com licor e pós da casca de árvore; prender espigões de cereais no alto de árvores (para garantir boas colheitas); promover reuniões secretas (*kimpasi*); desenterrar defuntos (para depois ressuscitá-los); encantar elefantes, vacas selvagens ou “outras feras”<sup>38</sup>.

O início e o fim do relato descritivo de Cavazzi sobre a religião tradicional centro-africana se assemelham: o missionário considerava os *ngangas* os principais inimigos dos padres católicos em sua missão evangelizadora na região. Por essa razão, Cavazzi não economizou nos adjetivos desabonadores para se referir àqueles sacerdotes nativos: na sua conta, eram todos “farsantes”, “canalhas” e autores de “pactos demoníacos”, que extorquiam a população local, cobrando altos custos pelos seus serviços “diabólicos” e enganações.<sup>39</sup> Em seu estudo sobre o *campo religioso*, Pierre Bourdieu apontou a concorrência existente entre sacerdotes de religiões oficiais e àqueles das contra-hegemônicas. Os primeiros tendem a estigmatizar os últimos de “feiticeiros” e a classificar suas religiões como “seitas”.<sup>40</sup> Nos relatos dos missionários capuchinhos sobre as religiões centro-africanas, a situação não era diferente.

---

<sup>38</sup> Poderes mágicos também eram arrogados à anões (*Pigmeus*) e albinos (*Ndumbdù*). *Idem*.

<sup>39</sup> Giovanni Cavazzi (*Istorica Descrizione*, *op.cit.*, p. 73) observa que os consulentes imploravam aos sacerdotes uma mediação junto às entidades e espíritos de antepassados. Os sacerdotes, por sua vez, agiriam movidos pelo interesse e pela avareza, pois só atendiam mediante dádivas generosas, que incluíam muitos presentes, comida e bebida, insultando os consulentes que faziam ofertas “pobres”.

<sup>40</sup> Pierre Bourdieu. “Gênese e estrutura do campo religioso”, in: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007, pp. 60 e 58-59.

Estes missionários ressentiam-se, ainda, do prestígio mantido pelos *ngangas* junto à população local, mesmo entre os batizados católicos. As seções do texto de Cavazzi, seguintes às transcritas abaixo, que tratam dos julgamentos de crimes por sacerdotes e entidades africanas, são exemplos ainda mais eloquentes da tenacidade das práticas religiosas centro-africanas após a chegada dos católicos na região congo-angolana. Os centro-africanos, invariavelmente, depositavam maior credibilidade nestes julgamentos sobrenaturais, presididos por sacerdotes e com invocação de espíritos/entidades, do que na justiça dos invasores europeus, com os seus juízes e tribunais<sup>41</sup>.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. "Gênese e estrutura do campo religioso", in: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007, pp. 27-78.
- GLASGOW, Roy. *Nzinga*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GONÇALVES, Rosana Andréa. *África indômita: missionários capuchinhos no Reino do Congo (século XVII)*. Dissertação de Mestrado em História: Universidade de São Paulo, 2008.
- HEYWOOD, Linda M. *Jinga de Angola: a rainha guerreira da África*. São Paulo: Todavia, 2019.
- HILTON, Anne. *The Kingdom of Kongo*. Oxford: Clarendon Press, 1985.
- MACGAFFEY, Wyatt. *Religion and Society in Central Africa*. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.
- PANTOJA, Selma. *Nzinga Mbandi: mulher, guerra e escravidão*. Brasília: Thesaurus, 2000.
- PARREIRA, Adriano. *Economia e sociedade em Angola na época da Rainha Jinga (século XVII)*. Lisboa: Estampa, 1997.
- PINTO, Alberto Oliveira. "Representações culturais da rainha Njinga Mbandi (c.1582-1663) no discurso colonial e no discurso nacionalista angolano", in: TAVARES, Célia Cristina da Silva; CRUZ, Maria Leonor Garcia da (org.). *Estudos imagéticos*. Rio de Janeiro: UERJ/ CH-FLUL, 2014.
- PRECIOSO, Daniel. *Catarina Juliana: uma sacerdotisa africana e sua sociedade de culto no interior de Angola – século XVIII*. Jundiaí, SP: Paco, 2021.
- SOUZA, Ioneide Maria Piffano Brion de. "Cavazzi e o enselvajamento de Nzinga Mbandi". *Revista Ars Histórica*, 17 (2018), pp. 58-77.
- SWEET, James. *Recriar África. Cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770)*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- THORNTON, John K. "Afro-Christian Syncretism in the Kingdom of Kongo". *Journal of African History*, 54 (2013), pp. 53-77.

<sup>41</sup> James Sweet. *Recriar África, op.cit.*, p.163.

THORNTON, John K. "Religião e vida ceremonial no Congo e áreas Umbundo, de 1500 a 1700", in: HEYWOOD, Linda M. (org.). *Diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2019, pp. 81-100.

Recebido em: 13 de outubro de 2024.  
Aprovado em: 09 de dezembro de 2024.

Giovanni Antonio Cavazzi da Montecuccolo. *Istorica Descrizione De' Tre' Regni Congo, Matamba, et Angola situati nell' Etiopia Inferiore Occidentale e delle Missioni Apostoliche Esercitatevi da Religiosi Capuccini*. Bologna: Per Giacomo Monti, 1687, pp. 69-88. Tradução.

## Livro Primeiro

[p. 69]

### Da Idolatria

166 Antes que a luz do Santo Evangelho penetre e dissipe das mentes cegas dos congoleses a vã superstição dos falsos deuses, aqueles infelizes foram tão submetidos à tirania do Inimigo comum, que por todas aquelas regiões, eles os impuseram sem limites, e ofereceram, nefasta e deplorável homenagem de alma e de corpo, mas depois que a notícia da Fé foi sucedida pela douta veneração, e o verdadeiro culto ao Divina Majestade, parece que ficou muito abatido e derrotado; e certamente, tendo tido a grande diligência dos missionários reduzido o Cristianismo a um bom plano, abriu-se uma grande oportunidade, e temos grande confiança em completá-lo totalmente; desde que nossos argumentos não se oponham (como infelizmente acontece)

[p. 70] às artimanhas ocultas de alguns dos ex-ministros, que, ao fomentarem erros antigos, fornecem todo o poder para manter viva a razão, ou melhor, a seita adversária.

167 Dessa ordem, tão significativa, a culpa recai sobre certos maus cristãos do país, pessoas baixas e de autoridade, que por temor de não perder a graça dos príncipes católicos, com hipocrisia abominável, mais do que através de sentimento sincero e de fé incontaminada, professam aparentemente a nossa Religião Santa e Católica; mas em oculto fomentam, promovem e com toda a indulgência protegem os falsos sacerdotes, os bruxos e os feiticeiros, os quais consistem todos o nervo da idolatria; amanhã, se bem a piedade dos reis e de outros príncipes, verdadeiros e ótimos Católicos, é adotada e todavia se emprega para erradicar completamente a semente destes, nunca foi possível fortalecer totalmente o objetivo; pois, uma vez descobertos e expulsos por alguns, fogem para outro lugar, e não falta quem lhes dê refúgio e alívio; ou mesmo quando não podem fazer de outra forma, se

aninhama na Floresta, nem sempre seguidos por pessoas da sua condição; por meio de quais auxílios cultivam erros, e onde a liberdade lhes garante mais convenientemente a prática de crimes infames, a realização de fraudes diabólicas, contaminam e enganam a muitos; porque para curar doenças, e fazer as coisas de preferência, a família, popular entre o povo onde mora, tem uma concorrência incrível, e infalivelmente adquire crédito e fama.

168. Ao bom zelo dos Reis do Congo e à loucura dos Governadores de Pemba, Bamba e Sogno, devemos o orgulho de ter purificado o Reino e os arredores daquela infecção contagiosa; no entanto, há algum ministro oculto de Satanás com a intenção de causar distúrbios às excelentes provisões, para reduzir os frutos e o progresso em direção à Fé Católica. O governador dos Países Mediterrânicos (lamento ter de o repetir) está igualmente aflito, nem será tão fácil poder expurgá-lo completamente, para que de vez em quando populações e províncias inteiras, virando os seus ombros à Deus, lembre-se dos antigos mestres, fomentando-os abertamente; para que os príncipes indignos de confiança, para não perderem tudo em primeiro lugar, dissuadam e confortem os missionários com a esperança de que eles os vejam novamente (conforme o seu costume) se não reunirem, pelo menos parcialmente, soluções.

169. O principal sofisma destas doutrinas mais infames é este: que, embora Deus (a quem chamam de Nzambampungù) seja um em si mesmo e muito grande; apesar disso, existem muitos outros Deuses inferiores, mas mesmo assim merecedores de respeito; e que em essência culto e adoração também lhes convêm: para esse efeito aplicam-se um quan-

[p. 71] tidade de Ídolos, a maior parte de madeira, construídos de forma grosseira, cada um com seu próprio nome; outros os designaram para a cura de enfermidades de acordo com seu frenesi diabólico, tanto que quando um desses sacerdotes visita algum enfermo, a primeira cerimônia é carregá-lo completamente com aqueles fantoches, ou pendurá-los nas paredes; e de uma, e de outra maneira vi muitíssimos, que com muita sorte foram manter vários em sua própria habitação, embora desapontados e desamparados, mais tarde tiveram que chorar, porque em vez de sua saúde eles foram piorados por aquela primeira enfermidade com o bônus adicional de outra pior.

170. Vulgarmente é chamado de Ganga Itiqui aquele que, com autoridade de ministro, recebe as dádivas e as vítimas das mãos dos

ofertantes, e as coloca nos Altares em frente às Estátuas dos Ídolos, muitas das quais têm aparência humana, de machos e fêmeas, e muitos mais de animais, feras, monstros e demônios, de acordo com os diversos costumes de cada província, população e comunidade. Ele tem por incumbência estabelecer dias para os sacrifícios solenes, posteriormente cumprindo neles a parte de seu ministério com cerimônias bárbaras e mais imundas; portanto, entre outras fontes, cabe a ele encontrar o ponto certo, onde coletar as primeiras águas (quando nas estações próprias, depois de muita expectativa, caem para regar os campos) e oferecê-las aos Deuses, a fim de espalhá-las a grande custo, que são eficazes contra quase qualquer infortúnio.

171. Alguns professores gentios de não sei que tipo de sofisticação de perfeição se abstêm, com grande relutância, de adorar muitos deuses; estes portanto, admitindo que o verdadeiro Deus é um só, atribuíram-lhe duas denominações diferentes e distintas, chamando-o de *Deuscaca*, Deus somente, e Desù, Deus do Céu, filogizando em torno dessa sua opinião com mil erros, através dos quais atribuem propriedades indecentes à Divina Bondade, pureza, simplicidade, magnificência e grandeza, sem admitir argumentos, para desiludir a obstinada perfídia; pela razão de que eles merecidamente se classificam entre os outros gentios, não importa que eles pretendam se defender, dizendo que são menos infiéis em comparação com os outros.

172. O que muitas vezes tenho dito que é digno de reflexão é o que é costume entre esses idólatras: quando oprimidos por algum problema, sentem impulsos internos de implorar a ajuda divina. Supondo, portanto, que todos acreditam naturalmente que é uma causa primeira moderadora dos acontecimentos humanos, mas sem entender o que é, incitam-na apaixonadamente com aquela frase: *Desù 'Njhesùfumami*, que em nossa língua significa. Deus do Céu Jesus meu Senhor. Fiquei maravilhado den-

[p. 72] tro de mim, como naqueles recantos selvagens e remotos, onde mal se ouve de alguém pronunciar aquele Santíssimo Nome, sem ter penetrado nele conhecimento suficiente e distinto, para invocá-lo com o mérito da Fé, de qualquer forma tais pessoas rudes invocabam-no com ternura como único refúgio nas suas necessidades; e ainda assim alguns efeitos estupendos se seguiram continuamente; e, pelo menos, todos testemunharam que, ao pronunciarem estas palavras, das quais não entendiam nem o significado, nem o mistério, nem a eficácia, experimentaram uma

consolação incomum; o oposto do que lhes acontecia se com tantas oblações recorreriam aos falsos deuses. Assim, os missionários, valendo-se deste argumento eficaz, alcançaram o seu objetivo de esclarecer-lhos e convertê-los.

173. A crença, qualquer que seja, é devidamente sucedida pela veneração dos próprios Deuses e, consequentemente, pela atribuição do tempo e dos ritos mais adequados. Quanto ao primeiro, os Negros desta Etiópia não o têm, e não o reconhecem precisamente para os sacrifícios, exceto na renovação de cada Lua; mas quando gostam de celebrar alguma solenidade em homenagem a algum ídolo em particular (e é costume fazê-lo por ocasião de uma vitória alcançada, de saúde recuperada ou de outro benefício recebido), então arranjam as coisas necessárias, vindas individualmente de sons e música para as danças e uma farta exibição de comida, para saciar a fome das muitas pessoas que participam. Da mesma forma, ao iniciar qualquer construção de um pequeno casebre, as fundações são lançadas sob os auspícios de um ídolo; nem o seu dono se atreveria a viver dentro dele, se primeiro o ministro, depois de o ter expurgado com as suas sofisticções, não permanecesse ali por um curto período de tempo: e esta é sempre a mais festiva de todas as outras funções. Em tempos passados, eles consumiam sacrifícios com bárbara solenidade, muitos dias depois e antes de as sementes serem lançadas ao solo; atualmente alguns se abstêm completamente; outros sobrevivem com uma simples festa dançando e jantando; de modo que aos poucos esse tipo de abuso profano foi desaparecendo: porém os *Giaghi*, quando colhiam os calos maduros, ofereciam exatamente seu próprio rito, diminuindo a carne humana temperada com os mesmos frutos da Terra, ou seja, *Sagina*, maiz e o colmo. Portanto, tendo decidido por algum deus celebrar alguma festa em homenagem ao seu ídolo, imediatamente concorda com o sacerdote, que, com o pretexto de exagerar a importância e o mérito daquele ato religioso, levanta quanto pode a primeira questão do seu salário; depois exorta-o a não ser ganancioso nas oferendas, das quais, visto que a maior parte deve ficar com ele, prescreve uma provisão exorbitante, ameaçando-o de que qualquer poupança saberá bem o ídolo redimir-se com grande custo para ele; no final, obriga-o a contratar muitos ministros para essa função,

[p. 73] quantos o capricho lhe sugere nomear entre seus colegas; concisamente que esta tripulação se dá bem e vive: entre eles nunca ficam de fora os Músicos de Hauiez, de Quilondo e de

Cassuto, considerados os melhores daqueles que honram as solenidades: portanto, publicados no dia (para que aqueles que estão incluídos naquela assembleia, que todos participem dela) assim que se aproxima a hora, a pessoa que está fazendo as compras com numerosos acompanhamentos aparece em frente à Casa do referido sacerdote, e novamente lhe implora, suplicando que ele se dê ao trabalho de celebrar a função e seja seu mediador junto ao ídolo; então dito sacerdote, saindo do círculo dos seus auxiliares, corre até a porta para ver a luva, que deve usar além do combinado e sem a qual não daria um passo; e se ele considera suficiente, e que satisfaz sua ganância, sendo principalmente coisas para comer e vestir, declara que quer agradá-lo; e para isso, com o acompanhamento de todo o grupo, dirige os seus passos para a casa do ídolo; mas se acontece que, por ser pobre, não goste, então faz-se ouvir com tantas censuras rudes quanto o espírito de avareza pode ditar; para que a solenidade fique suspensa para esse dia; Normalmente, porém, ainda existe um acordo quanto à qualidade do presente, para não levar a esta confusão significativa; e porque ninguém quer sucumbir a tal afronta, nem ser apontado, o ministro considera-se escrupuloso em perguntar abertamente o valor e a quantidade desta doação; portanto, os desordeiros nestas matérias intervêm, e concedem isso, o que é conveniente. Em primeiro lugar, vestido com aqueles trajes, que descreveremos em outro lugar, o sacerdote entra na Casa do Ídolo, batendo (conforme seu costume) as duas mãos em sinal de alegria, e descrevendo a condição do ofertante, e as qualidades das oblações, e com profunda reverência oferece votos e súplicas àquele Simulacro pela tranquilidade, paz e saúde de todos aqueles que o honram, e especialmente daqueles que, sem poupar os seus próprios bens, estão presentes para lhe fazer um sacrifício de agradecimento. E de repente, uma vez afinados os instrumentos bárbaros, começa o som sensacional, acompanhado por uma surpreendente dissonância de vozes; em que, cuidando para não desacelerar, se servem de algumas de suas bebidas destinadas a dar energia e vigor, para que toda a vizinhança fique surda; e posso dizer por experiência própria que às vezes me incomodavam, mesmo estando a meia légua de distância; em suma, é uma harmonia dissonante típica de um congresso totalmente diabólico; terminada esta primeira parte, que dura nada menos que três horas, esperam que os que os rodeiam enchem a barriga com igual ganância, como incitação ao que costuma acompanhar a crápula; então retoma a dança, o som,

[p. 74] as canções alegram-se ao ponto do cansaço extremo. Três dias inteiros são, portanto, consumidos nestas imundícies, e no quarto, humanos e animais são sacrificados na quantidade que o ídolo exige; cada um alimentando-se avidamente dessa carne e desse sangue, resíduos quase preciosos dos alimentos administrados aos seus Deuses. Os Quimbondos estão acostumados a beber apenas sangue e sujar todo o rosto com ele; mas os seguidores de Hauiez colocam o fígado, o coração e as tripas para serem cozidos com a carne, e cada um, roubando os pedaços da melhor maneira que pode, num lugar isolado, por medo dos companheiros, come a sua parte: os restos (se ainda lá permanecem) são distribuídos a outras pessoas não arroladas, que os devoram sem muita cautela; porém, cada pessoa observa alguma formalidade de um determinado rito, de acordo com a prescrição de sua própria seita: ao final, a estátua do ídolo é exposta à vista de todos, o guardião da violenta festa se aproxima dela e oferece quantidades de panelas cheias de carne de cabra e de legumes; quase como se o ídolo, necessitado de riso, devesse prová-los; mas como na verdade não é capaz, o sacerdote em seu nome divide toda a oblação entre os que o rodeiam, com o acordo de que, uma vez postos de lado os ossos (como coisa já consagrada), eles lhe serão devolvidos integralmente, sob pena de quem tiver retido algum pouco, pagar em troca uma cabra; visto que, ao repassá-los para usos profanos e supersticiosos, pelo preço que quiser, não quer perder o emolumento que deles receberia. Em suma, esta é a forma como os idólatras negros veneram as suas sonhadas deidades; nem saberia o que mais acrescentar em relação à variedade dessas funções abomináveis, visto que tudo consiste em carnificina, sujeira e porcaria.

## **Dos Sacerdotes**

174. Juntamente com a informação sobre os ídolos e sacrifícios, acrescento uma informação detalhada, tão distinta quanto possível, sobre os ministros vulgarmente chamados de Ganga; estes seres malignos são precisamente aqueles que, mais do que qualquer outra coisa, prejudicam notavelmente o progresso da nossa Santa Fé; porque ali onde as estátuas silenciosas não podem causar um obstáculo, e a Verdade se insinua facilmente na mente e nos corações daqueles gentios (eles naturalmente carecem de malícia e perspicácia para distorcê-la ou negá-la), eles com perfídia igualmente violenta se opõem à diligência dos missionários, visando apoiar o

partido de Satanás, e com ele o aproveitamento de sua própria utilidade.

175. De todas essas gangues miseráveis, aquele que carrega o caráter de líder supremo (já que seria um grave insulto ao mérito de nossa

[p. 75] Religião chamá-lo de Sumo Sacerdote) é chamado Chitòme, ou Chitombe, uma dignidade tão eminente acima das outras, que os idólatras negros o consideram um Deus na terra e plenipotenciário do Céu; por isso oferecem-lhe os primeiros frutos de qualquer colheita, antes de os provar, com tal precisão e pontualidade que, se os negligenciassem, lhes pareceria que sentiriam inevitavelmente o peso de todas as enfermidades sobre os ombros. Estas, que eu diria que têm alguma correlação com as prebendas eclesiásticas, habituais entre os católicos para o apoio do Clero, são por eles recolhidas com muito rigor; evitando esse efeito de espiões frequentes; e ao recebê-los do ofertante utiliza cerimônias diversas e estranhas, auxiliando-o individualmente, quase em um pressentimento de fertilidade, a esposa, que junto com ele, cantando algumas canções, tenta fazer com que aqueles mesquinhos acreditem que a virtude que lhes foi comunicada aponta para os campos e para as sementes, ambos para dar frutos cem vezes maiores na estação futura; portanto, não só cada um tenta cumprir as suas partes na forma acima mencionada, mas também o Chitòme (se puder intervir) ou qualquer um dos ministros por ele delegados; para que, quando a terra precisar ser cultivada, ele tenha o prazer de dar as primeiras enxadadas com um bom começo.

176. No Reino do Congo e em outros lugares, encontram-se certos peixes e uma espécie de alma acamada, que invariavelmente se reservam para a caça e como alimento singular para o próprio Chitòme; portanto, podemos supor que ele vive com alguma prodigalidade, respectivamente, nas condições precárias desses distritos. Em cada Libatta mantém-se vice-regentes para o despacho dos assuntos pertinentes à sua Corte; e não apenas em questões religiosas ele goza de grande reputação entre o povo; mas também, quando se trata de eleger os Soui (que são como Governadores) se ele não concordar com o seu voto, eles recusam-se a obedecê-lo, reconhecendo de fato o Chitòme apenas como o verdadeiro chefe de toda a seita.

177. Em sua própria casa ele mantém o fogo aceso dia e noite, algo quase sagrado, e como tal o distribui a quem o procura em troca

de algum pagamento; na verdade, como se fosse uma precaução muito poderosa contra qualquer infortúnio, dá um pouco de fogo aos Soui, quando eles tomam posse das províncias; portanto, estes também, considerando-o um oráculo, comunicam-lhe qualquer interesse de religião, de política civil ou de guerra, dependendo inteiramente daquela autoridade que encontram somente nele; então acontece que eles não ousariam exercer o seu cargo se o Chitòme não os tivesse abençoado primeiro com as suas próprias mãos, segundo o seu rito; para isso, portanto, tendo chegado ao portão, onde ele mora, todo o povo ali se reúne e levanta a voz para as estrelas e se prostra; e com grande súplica

[p. 76] imploram-lhe que os receba sob sua proteção; mas o Chitòme, demonstrando alguma relutância em apoiar a qualidade deste suplicante, censura o petionário por não ter demonstrado a disposição necessária para solicitá-lo; também é induzido até o fim e, como sinal disso, borrifa tudo com água e unta com pós; depois, fazendo-o deitar-se de costas, passa por cima dele várias vezes, pisoteando-o com os pés, para dar prova de que o sujeitou; enquanto, por outro lado, jura que dependerá para sempre dos seus signos: fato esse (para exprimir o meu sentimento) considerei como a própria Natureza ditava até aos bárbaros o respeito devido àqueles que, em matéria de Religião, seja o que for, têm a administração suprema.

178. É proibido aproximar-se da casa deste homem, exceto para alguma necessidade, ou negócio, que segundo eles é considerado sagrado; e ao violar esta imunidade eles seriam imediatamente mandados embora: muito menos ousariam os príncipes e as pessoas com autoridade assediá-lo de qualquer forma, nem em atos nem em palavras permitiriam que ele fosse ofendido; sendo ele tão culpado quanto quiser de qualquer delito, não há juiz que possa nomeá-lo, alterá-lo ou puni-lo: e certamente os povos idólatras destas regiões conceberam uma veneração tão grande para com o seu Chitòme, que ao aprenderem um medo fantástico de incorrer na ira dos deuses, eles se revoltariam contra o insultador, nem haveria quem perdoasse a sua vida.

179. Persuadidos pelo mesmo motivo, os casais vivem em celibato entre si quando, tendo sido divulgado com proclamação pública em todo o país, o Chitòme sai para visitar as suas jurisdições, ou por qualquer outro interesse; reivindica com este ato de continência (que não é pouca coisa entre os idólatras) manter vivo

seu Pai Supremo: e ai de qualquer um acusado da menor transgressão, visto que sem aviso ou apelo incorreria em uma sentença de morte: portanto, muitas vezes acontece que o marido, ou queremos dizer, a esposa do *drudo*, ou concubina, e ele, em vingança por alguma paixão oculta, trama a acusação um contra o outro, e trama a ruína da vítima.

180. Em algumas províncias, onde a superstição tirou todo discurso e razão, as pessoas educadas acreditam que o Chitòme, por excelência de caráter, nunca pode morrer de morte natural; e acrescenta que se acontecesse o contrário, o mundo pereceria e a própria Terra seria aniquilada; precisamente porque supõem que através de seus méritos e poder ele é mantido de forma estável em seu ser. Portanto, para superar uma desordem tão avassaladora, quando ele adoece, e a doença é vista como um pouco perigosa, o homem cuja tarefa é sucedê-lo no cargo, levando nas mãos um bastão nodoso, ou um laço,

[p. 77] de repente o manda embora; e desta forma, ao afastá-lo violentamente da vida, ele assume que o infeliz presságio está correto. Assim terminam miseravelmente seus dias e sua grandeza, essas Toparquias sacrílegas.

181. O segundo lugar entre os Ministros da infame tripulação é atribuído por estes idólatras à pessoa de outro dos seus sacerdotes chamado Ngombo, que em geral de astúcia maliciosa finge não ceder ao referido; porque com o objetivo de aumentar o crédito de sua excelência, muitas vezes anda precipitado com as mãos no chão e os pés no ar, fazendo coisas extravagantes, e a maioria delas muito sujas, disfarçados de malabaristas. Ele se orgulha de ter profunda inteligência em Cutamanga (como os negros chamam a arte de prever acontecimentos futuros) e de possuir uma virtude oculta, mas infalível e sobrenatural de reverter qualquer enfermidade; um privilégio que faz com que seja devidamente concedido pelos Deuses à dignidade e ao cargo que lhe foram confiados; portanto, seus devotos, recorrendo a ele, desde que tenham algo que o satisfaça, sempre o encontram bem equipado com mil truques para administrar a cada paciente doente, prescrevendo-lhes as maneiras de usá-los com tanta sagacidade que essas pessoas mesquinhas, quando o efeito falha, ao atribuir a si mesmos a culpa por terem transgredido parcialmente algo ordenado, ficam duplamente decepcionados, sem que ele perca em nada o primeiro conceito deles. Muitas vezes, quando sacos cheios dessa obscenidade composta de invocação de

ídolos, e consequentemente diabólica, caíram nas mãos de nós, missionários, quando os jogamos no fogo, eles produziram um fedor intolerável, então não só sentimos dor excessiva da cabeça, mas convulsão dos intestinos e outros acidentes; que embora pudesse derivar naturalmente daquelas misturas venenosas ou fedorentas, em qualquer caso ainda indicavam a violência oculta dos males; considerando que, se naquele ato de colocá-los nas chamas por muito justo desprezo a Satanás, tivéssemos negligenciado invocar a ajuda de Deus e dos seus Santos, valendo-nos ainda das preciosas relíquias, do qual sempre tivemos consciência, não seria tão fácil passar despercebido; nem creio que me engane ao considerar que, ao manejá-los em outras ocasiões com menos cautela e sem as precauções necessárias, ficaríamos com membros completamente estúpidos; permitindo assim que a Divina Bondade nos conscientize da virtude da Fé, graças à qual, deprimindo mais uma vez as nossas partes, permanecemos imediatamente livres, e assim continuamos. Durante o tempo em que prepara suas misturas, costuma entrar sobre ele o Diabo (se não quisermos acreditar sem escrúpulos, que ele sempre tem) e o torna muito falante,

[p. 78] falando grandes coisas pela boca em diferentes línguas; mas quando algum Ministro Evangélico aparece diante dele, seu entusiasmo cessa e ele fica em silêncio.

182. O mais solene dos enganos, em que todas as pessoas tolas ficam cegas, é sugerir que nenhum homem ou mulher chega ao fim dos seus dias sem a força de uma maldição; portanto, em caso de morte daqueles que ele tentou curar, atribuindo imediatamente a culpa à arrogância da maldição, os parentes consanguíneos do falecido recorrem a ele, rogando-lhe que resgate o feiticeiro, com o efeito de tomar vingança dele. Existem, portanto, duas formas sacrílegas que ele pratica para se esclarecer, como afirma; uma em privado, a outra em público, de acordo com o pedido, que os torna parte: Na primeira, tendo levado as referidas pessoas para um local recôndito, ou para a sua própria casa, formam círculos, invocam, incensam e fazem perguntas ao Demônio, às vezes obtém as respostas; mas sempre obscuras, enganosas, ambíguas ou prejudiciais para quem não tem a menor culpa no fato; e ainda que, depois da vingança, cheguem à consciência do erro, e possam sentir pena de tê-lo cometido de forma errada contra um amigo, contra uma pessoa inocente; no entanto, desculpando-se por não terem compreendido bem o Oráculo, recorrem novamente a ele, e não

desistem desta incrível impiedade, replicando indistintos excessos de vingança, até se considerarem plenamente satisfeitos. Quanto à outra forma, isto é, em público, o Ngombo faz soar o seu tambor, ao som do qual toda a vizinhança se reúne em algum lugar aberto, e às vezes na selva; ele também entra no coro daqueles ao seu redor e, sem pensar, canta algumas canções, especificamente (diz ele) para esse assunto e, naquele momento, sugerido a ele pelo espírito para encontrar a origem da maldição; todos os outros respondem às suas palavras, com o costumeiro levantar da voz, dançando incansavelmente, até que o capricho do canto da montanha fique agitado e cheio de fantasmas, que lhe revelam o que ainda investiga; ele então salta furiosamente, sai e retorna ao círculo, faz gestos e joga pós na cara de quem lhe agrada, tornando-o culpado, e réu pela morte daquela pessoa; e porque ele aponta muitos deles (o nosso inimigo nunca se contenta com uma vingança limitada), portanto, cada um desses malvados é arrastado pela força de cordas para um local seguro, e aí violentamente forçado a tomar uma bebida preparada pelo próprio Ngombo, a cuja violência aqueles que resistem rejeitando-a permanecem imediatamente absolutos, como inocentes; mas aqueles que não podem, são submetidos à pena capital e, como se estivessem verdadeiramente convencidos, continuam a ser um alvo miserável do orgulho daqueles bárbaros; esta fraude é frequentemente usada pelo vigarista astuto para se satisfazer por algum ultraje privado.

[p. 79] 183. No Ducado de Sundi os Idólatras reconhecem como supremo de todos os seus sacerdotes um certo Chintomba, que habita nas Montanhas de Nganda; ele usa cabelos muito compridos, entrelaçados com várias coisas supersticiosas, de modo que parece uma Fúria de Averno: seus seguidores não ousariam falar com ele, a menos que estivessem deitados no chão, sem olhá-lo na cara, até que ele lhes permita sair com grande favor; e sempre que sai da gruta para a audiência pública, alguns o precedem, carregando um ídolo de madeira, colocado sob a forma de cadáver num caixão, como me testemunhou o Padre Girolamo da Montesarchio, que durante muito tempo foi missionário naqueles confins.

184. Ngoscì, que é outro Sacerdote, tem a obrigação de viver acompanhado precisamente de onze esposas, ao número e nome de cada uma das quais guarda muitos ídolos consagrados, colocando-os por toda a sua casa, com o orgulho de deles obter respostas e oráculos, sonhando-os principalmente por capricho de sua própria

bestialidade, não como a oportunidade exigiria, mas como dita sua fúria louca para satisfazer sua devassidão. A incensação das estátuas dos ídolos consiste na fumaça da palha queimada, que ele tenta fazer chegar até seus rostos com suas próprias forças; de modo que, no conceito do povo, estes têm maior crédito e veneração, tanto mais a neblina os torna mais negros e mais parecidos com o rosto e a alma daqueles que os adoram. Aqueles que, acreditando ter sido injustamente oprimidos por quem quer que seja, recorrem a ele, desejam vingança; ele, portanto, tendo recebido a recompensa, que é o capital do seu zelo religioso, corta os cabelos do suplicante, e fazendo um cacho com vários nós, atira-os ao fogo, invocando o Diabo com veementes imprecações, para que em nome dos ofendidos, faça justiça rigorosa contra toda a família da pessoa supostamente culpada do delito.

185. Nipindì se orgulha de ter os efeitos e operações dos Elementos à sua total mercê; mas sobretudo para excitar os trovões e as chuvas: antes de chegar ao ato da virtude alardeada, ergue em homenagem aos ídolos, perto de sua casa, onde levam vários caminhos, alguns montes de terra cobertos de galhos, de que penduram ferramentas de madeira, todas certamente ridículas, sem sentido nem mistério, mas, no entanto, na minha opinião, concertadas e acordadas entre Npindì e o Diabo; uma vez feita esta preparação, nunca separada de alguma forma de sacrifício, a aproximação do tempo e a necessidade de chuva formam o exorcismo sacrílego, e nesse instante, à vista de todos, um pequeno animal de destino desconhecido é visto emergindo ao pé daquele pequeno monte, e da mesma forma, que tendo subido no ar, o perturba, seguido de relâmpagos, trovões, clarões e, finalmente, a chuva ainda cai,

[p. 80] no entanto Deus ordena que esses infelizes idólatras na maioria das vezes permaneçam consumidos, não fortalecendo o efeito mágico da crença ímpia. No mesmo sentido, recordo-me que depois de uma longa seca de muitos e muitos meses, sem que uma gota de água aliviasse o calor insuportável, um dos nossos missionários (atribuindo isto a um castigo do Céu pela crença demonstrada pelos habitantes naquela situação em um desses Npindi, que por sua vez não deixou de realizar os feitiços habituais) todo inflamado de zelo, pela glória usurpada do verdadeiro Senhor, intrepidamente foi até lá, onde o Feiticeiro com uma multidão de gente gritou com todo o seu poder, "Água, Água"; e pondo-se a pisar

em tudo o que havia, atirou ao fogo todas as superstições preparadas à vista de todos: grande foi o frenesi e a fúria que aquele canalha tomou sobre si por causa da afronta e do desprezo público; de modo que, se ele não escapasse às pressas, o teriam maltratado, porque acreditavam que os ídolos ofendidos nunca mais se curvariam para conceder a chuva, da qual estavam em falta naquele momento: mas o Deus gracioso, para dar-lhes a graça, mesmo que não a merecessem, quis confundi-los a todos, excitá-los para que soubessem que só Ele é aquele a quem toda Criatura obedece; o fato é que todo o ar, completamente sereno, sem aparência de nuvens, de repente começou a escurecer, e caiu tanta chuva que, na proporção da necessidade, todo o campo aproveitou inteiramente. Mas de que adiantaram as raras maravilhas do Cetro de Moisés para amolecer o coração endurecido do Faraó? Da mesma forma, essas pessoas, em vez de se declararem convencidas, nem sempre atribuem a causa desses efeitos aos falsos deuses, dizendo que por sua própria bondade, embora indignadas, ainda não querem assumir o devido ressentimento; mas deste perverso subterfúgio extraí outro argumento, retomando-os desta forma. Você diz que seus deuses, por magnanimidade, ou por docura inata de coração, em vez de se vingarem daqueles que os ofendem, mostram misericórdia; e vocês que afirmam venerá-los e conformar-se com seu talento são tão perversos e cruéis que nunca se satisfazem até que tenham extinguido a face do ódio no sangue e no extermínio de seus inimigos? Que lei é a sua? (Mas com pessoas surdas e cegas, razões naturais e presságios sobrenaturais não têm valor). Estes Npindi vivem naqueles lugares onde os governadores das Províncias, com afetada negligência, ou por algum respeito mundano, escondem o conhecimento disso; nem faltam cristãos apenas de nome que os apoiem secretamente, e apoiam muitas almas com notável preconceito; porque os Idólatras, por força da própria constituição, e muitos outros não muito estáveis na Fé, alucinados por alguma aparência externa, dão crédito às mentiras destas pessoas, considerando-as

[p. 81] de grande mérito entre os Deuses; em resposta a isso, homenagens e reconhecimentos são vistos o dia todo em suas casas em tão grande número, que vivem com decoro e opulência.

186. O Ganga Amoloco, no que diz respeito à veneração dos ídolos, também levanta alguns montes de terra, e deles oferece potes de comida, e perfuma os Simulacros, tecendo mil coisas imundas

adequadas à qualidade suja dos seus Deuses. Aqueles que suspeitam que estão amaldiçoados recorrem a ele; e com a mesma confiança os vizinhos de alguém que morreu assustado com um raio ou trovão (acidente muito frequente nestas regiões) imploram-lhe alguma precaução, que os salve de um desastre semelhante: a maneira, portanto, de segurar alguns, e de curar os outros, consiste em algumas vaidades muito escondidas, que pelo que sei não persistiram; mas me disseram que eles são usados como preparação para outra cerimônia, que é tornada pública. Amoloco é colocado de um lado, e o enfermo do outro lado daquele monte (que na minha opinião talvez seja o Altar do Ídolo) e ambos ficam de bruços no chão, enquanto as pessoas ao redor, no meio sinfonias bárbaras e clamores sensacionais, alternando danças impudicas, consomem grande parte da noite (realmente digno de que nenhuma outra luz os incida além da do fogo) mas se o final de uma noite inteira não for suficiente para cansá-los, não se envergonham de prolongar a alegria por mais algumas horas do dia, desfigurando com fumaça a claridade das operações infernais. Se os primeiros forem realmente curados da maldição, e os últimos forem protegidos dos raios, que aqueles que são capazes dos enganos do Diabo e de seus ministros formem um julgamento.

187. Mutinù-à-maza (que significa Rei da Água) é o título de outro canalha, que esconde seus feitiços sob a corrente de algum rio e, querendo aproveitá-los, joga uma Cucuzza na água, ou outro vaso aberto e vazio, que por força do encantamento, cheio daquelas coisas que estavam escondidas por ele no fundo, retorna à superfície do mesmo: aqueles ao redor, fascinados por esta ilusão diabólica, com crença deplorável recebem tudo isso das mãos do homem, que vende com igual delicadeza, dizendo-lhes que não encontrarão antídoto mais perfeito, nem virtude mais eficaz contra doença alguma, desde que, para conseguir o efeito, contribuam tanto quanto ele necessita. Seus discípulos sem o gasto de livros, ou o consumo de cartas; adestrados por sua inclinação maliciosa, eles aprendem a arte e se tornam feiticeiros muito pérfidos: mas os ritos desta Seita, em excesso bestial, nos impedem de formar um relato mais preciso.

188. Amobundù, com o orgulho da virtude oculta concedida à sua posição, é estimado por proteger todas as mulheres

[p. 82] sem nunca sair do seu lugar; por isso os crédulos, muito descuidados no cultivo dos campos, recorrem a ele, imaginando que quando desejar recebê-los sob sua proteção, não

serão prejudicados: por isso ele entrega a essas pessoas alguns potes cheios de penas de pássaros e outras misturas com argila, mandando escondê-los no meio do chão, e eles sem dúvida verão o efeito. Não posso acreditar tão facilmente (como alguns negros queriam me fazer entender) que esse efeito aconteça sempre à total disposição do feiticeiro; mas quando isso acontece, estou persuadido de que o Demônio, a quem os feitiços já estão dedicados, em força do pacto estabelecido entre ele e o mago, se depara com aqueles que danificam a semente, e como já foi visto diversas vezes, atormenta-os amargamente com úlceras incuráveis, individual e genitalmente; o que não deve parecer estranho a ninguém, refletindo sobre os julgamentos muito justos de Deus, que pune esses incrédulos com a sua própria maldade. Portanto, quando alguém tropeça na rede, sabendo a origem do seu ferimento, dirige-se ao mesmo Amobundù, e com suspiros incessantes implora-lhe que o cure: ele, pelo contrário, exibindo sua relutância, com palavras veementes repreende-o pela sua imprudente ousadia; mas no final mitigado pela visão de uma grande contribuição que o doente lhe mostra, consola-o e manda-o de volta todo coberto de remédios supersticiosos: mas aquele lucro, que seria obtido por um médico hostil e traiçoeiro, na maioria das vezes acontece que o doente tira dele; porque em vez de alívio, ao agravar a agonia, ele morre duplamente irritado.

189. Com uma operação de prestígio, Molonga se atreve a adivinhar se o doente vai se recuperar ou não: coloca no fogão uma panela cheia de água e outros ingredientes e, quando ferve, mergulha nela a mão nua e tira-a intacta, fazendo saber que este é um privilégio concedido ao seu ministério; então, sobre a mesma água, murmurando seu exorcismo diabólico, quase como se exigisse ser obedecido, ele conhece um preceito, que dá um sinal, se o enfermo deve morrer ou não; e novamente, ao enfiar a mão na água fervente, se a puxar de volta e estiver ferida, ele sem dúvida prediz a morte; mas se estiver intacta, ele assume que é infalível que se recuperará. O que se segue é que, mesmo que a previsão seja mentirosa, ela não é levada em consideração e, portanto, não deteriora nem um pouco o conceito que essas pessoas estúpidas e supersticiosas emprestam a um absurdo semelhante; enquanto o maior capital deste homem se baseia numa descarada disponibilidade dos partidos para encobrir as suas fraudes.

190. Nconi, assim chamado pelo nome de um ídolo pequeno e mutilado, que usa constantemente pendurado na cintura, é estimado

por penetrar nas qualidades mais ocultas das doenças e por poder curá-las: mas, com tanta sagacidade prescreve

[p. 83] as regras que doente deverá manter, e o seu salário exige um preço tão exorbitante, que ele, por não poder satisfazê-las, se afasta delas, ou mesmo se, infelizmente, cede a confiar nelas, logo paga o preço com dupla punição.

191. Nzasi também professa a arte de curar, com dependência do referido Nconi, com quem, tendo conferido o estado do doente, também consulta a forma de tratá-lo; após o que, tendo recebido os oráculos e se curvado diante de seu mestre, ele retorna ao doente e coloca em seu pescoço quatro ídolos uniformes, um sino e algumas outras coisas sem valor, encorajando-o a considerar sua saúde como indubitável: mas no final, ele lhe dá uma série de reservas tão difíceis de observar que, se a pessoa se recuperar, o bom vigarista imediatamente espalha a notícia; e se ele morrer, ele terá desculpas prontas para a transgressão das ordens anteriores prescritas.

192. Ngodi assumiu a responsabilidade de curar os surdos, e para isso, devo dizer, usa formas muito estranhas de feitiços, sem nunca ter conseguido; para que os miseráveis, tendo pago o doutor, saiam gritando como bestas, a maioria deles incapacitados pelo Diabo.

193. Nsambi, superintendente de uma certa doença que preocupa muito os negros, mantém grande crédito; e tem grande concorrência. Em alguns, toda a pele fica coberta de manchas esbranquiçadas semelhantes à lepra, doença repugnante e excessivamente má; Nsambi, portanto, usando a sua arte, dá aos infectados um copo de não sei que licor, depois de ele próprio o ter provado, fazendo-os acreditar que em virtude desse contacto se verão restaurados à limpeza imaculada o mais rapidamente possível. O emolumento que ele recebe com esse golpe corresponde à sua ganância; porque quem sofre de uma indisposição semelhante, movido pelo desejo de se libertar dela, contribui com o que tem e, por se tratar de uma doença quase contagiosa, são sempre muitos. De que maneira eles realmente curam, não se sabe, é claro, que a casca de uma certa árvore reduzida a pó e colocada sobre a pele do doente, secando os humores, a purifique; e destas pessoas curadas com ele, não tenho escrúpulos em atribuir o efeito à sua virtude natural: mas quanto àqueles que se deixam tratar por Nsambi, embora a superstição contribua o seu uso, deve ser absolutamente

condenado; e portanto não é surpreendente que a maioria deles piore, permitindo assim a Providência Divina.

194. Há uma opinião de que um certo Ganga de sobrenome Embungula, com apenas seu prestigiado silvo, puxa violentamente para si, e num instante, quem ele gosta e agrada, para que tendo-os então em sua força ele se torne lícito, não apenas para detê-los como escravos, mas até mesmo vendê-los para outros. Esse tipo de mal me parecia difícil e não me atrevo

[p. 84] a definir quididade; porém, devemos acreditar que por seu julgamento oculto, Deus decreta um castigo semelhante para os adoradores do Demônio, para que com a pena da escravidão eles seduzam acorrentados aquele que voluntariamente desejam ter como seu soberano.

195. Coisas muito extravagantes são ditas sobre o Ganga Mnene, que se tudo fosse verdade, causariam grande dificuldade para eu escrever, e grande horror para aqueles que lessem, sem talvez encontrar pouca crença; mencionarei apenas uma delas, muito maravilhosa, e que pode servir de conjectura para as demais. O povo do país mantém seu maiz, ou trigo turco, dentro dos próprios espigões com soleiras ao redor; e para que não seja danificado pelas feras, eles o penduram dessa forma nos galhos mais altos das árvores, mas o astuto Mnene, dando a impressão de que os ídolos vão à noite se alimentar dele, com grande destreza (embora outros querem por encantamento) sem ninguém perceber, faz o referido grão passar para sua casa, deixando as ditas folhas presas à árvore como antes; e, desta forma, é respeitado por todos; como se tivesse a maior confiança dos deuses errantes, ele rouba secretamente, mas com honra.

196. Macuta, e Matamba, um ministro do outro, e ambos de acordo, vão aonde podem para curar, não sei se os tolos, ou a própria mesquinhez, mutilando e matando aqueles com a violência dos encantos, e aproveitando-se disso com artifício e engano. Ngulungù e Nbazi são dois Gangas da mesma espécie, também empenhados em curar doenças, banidores e feiticeiros não menos que os mencionados, usando coisas completamente diabólicas em seu ministério; portanto, sendo discípulos do enganador comum, têm as artimanhas para fraudar o que podem; a seita também está dividida entre eles, considerando-se uns aos outros inimigos, que muitas vezes terminam em brigas abertas, desacreditam-se mutuamente

com calúnias mútuas e, acompanhados de pessoas armadas, montam emboscadas, procuram, lutam e matam uns aos outros.

197. Gostaria de falar muito sobre os outros três, cujos títulos são Npungù, Cabonzo (ou Cabanco) e Iffacù. O primeiro deles é especificamente destinado à guerra, com a condição de se expor onde o conflito é mais acirrado; no entanto, porque caso fosse apenas tocado pelas armas envenenadas, ficaria, segundo ele, ofendido e morto, por isso traz em sua companhia o segundo, ou seja, Cabonzo, um preparador de antivenenos muito poderosos; e, finalmente, de Iffacù, que é o terceiro destes espertalhões, espera-se que cure a ambos; portanto, todos os três, estendendo as mãos, formam um ato de tragicomédia, militando grandes coisas, tratam-se de golpistas disfarçados

[p. 85] para vender alguns bens a pessoas crentes, sejam eles naturais ou supersticiosos; com os quais infelizmente vivem as suas vidas; não lhes falta a bela arte da tagarelice, para deixar claro que a eficácia de compostos semelhantes consiste inteiramente numa manipulação religiosa, da qual só eles têm o segredo e a capacidade de a utilizar. Entendo que Cabonzo, tendo convocado de manhã cedo um bando de ministros a ele subordinados, depois de entoar alguns preceitos, quebra as coisas preparadas, atingindo-as com muitos golpes, o que também é repetido alternadamente pelos demais, com aquela medida bem ajustada, até que toda a matéria se reduza à consistência pretendida, consumindo nesse esforço, sem nunca desacelerar, mais de metade do dia; depois disso Npungù canta algumas invocações segundo o seu rito, às quais responde o coro dos demais, que no final, levantando um som retumbante, mas indistinto de vozes, imagina que podem afugentar toda qualidade venenosa pela força da bravata.

198. Os Nequiti celebram as suas assembleias em lugares muito remotos, e principalmente nos vales mais profundos, onde nenhum raio de sol penetra para expor os atos nefastos que ali cometem; por esta razão, uma vez que os negros (que em geral têm a maior propensão no mundo) contribuem em grande número, o problema dos missionários em encontrar uma maneira de exterminar esta raça tão perniciosa torna-se irritante. Ali, em frente às suas casas, plantam em forma semicircular muitos postes toscamente trabalhados e pintados, para que tenham o formato de estátuas, e estes são justamente os ídolos: mas para melhor enganar qualquer tipo de pessoa, principalmente os menos experientes cristãos, o

Diabo sugeriu-lhes que pintassem o sinal da Santa Cruz de várias maneiras, atenuando com os personagens da Verdadeira Religião os sentimentos internos de impiedade sacrílega. Diante desses simulacros, eles se regozijam com estranha falta de modéstia; mas tudo o que é feito pelos membros da congregação permanece oculto, tal como entre os católicos a questão da Confissão; e apenas uma vaga ideia deles chega a nós, missionários, à medida que alguns convertidos à Santa Fé, e estimulados por nós, os revelam a nós para nossa ajuda. Não é permitido a quem não seja sócio pisar no referido recinto, ao qual (para que seja respeitado) dão o título de Muralha do Rei do Congo. Querendo se juntar a alguém, uma vez que ele aparece com os outros na entrada do recinto, jogam para ele uma corda enfeitiçada (pelo que acreditam) e impõem-lhe que passe por ela muitas vezes, se ele deseja esta honra; por fim, pela força do feitiço, aquele desgraçado, permanecendo atordoado, é levantado corporalmente pelo mesmo Nequiti, que o leva para dentro do Chimpasso (como chamam os locais de reuniões diabólicas) e o conforta; e uma vez que ele volta a si, eles o forçam a prometer permanecer um discí-

[p. 86] pulo de sua seita até sua morte. Mas se às vezes acontece que o arrependido se recusa, os Nequiti o retêm como presa legítima, avisando aos seus familiares que tanto o recolherão quanto esperarãovê-lo como uma vítima dos deuses: portanto, o medo que têm deles é incrível, inclusive os senhores das cidades e terras nas redondezas ou na jurisdição de que vivem; assim, vivem com muita ousadia, mantendo-se imunes a qualquer assédio, e se por vezes imaginam que estão sendo perseguidos, logo, pela força de feitiços, vingam-se do que quer que seja, fazendo-os morrer desesperadamente; no entanto, pela virtude dos nossos Mistérios Sacrossantos, insinuámos o modo infalível de escapar à indignação dos canalhas, e hoje todo bom católico armado de verdadeira confiança enfrenta esta multidão e, sem prejuízo de ninguém, obtém uma completa vitória. Padre Girolamo da Montesarchio, missionário de muitos anos, contou-me que havia, não sei como, entrado secretamente em uma dessas congregações, curioso para conhecer os ritos e os erros, e que tinha ouvido, para seu desgosto, muitas blasfêmias e, entre outras, alguns apóstatas negando a Fé, os Sacramentos, o capital da Redenção e todo o Paraíso, com mil imprecações, jurando magnificar o poder dos ídolos e ajudar tantos cristãos quanto puderem. O sinal para a próxima reunião foi acertado

na assembleia anterior, pois, tendo que escondê-la o máximo possível, quase sempre a alteram; e o referido Padre contou-me que, querendo juntar-se a alguém, amarram-lhe no braço esquerdo certas contas furadas, como usamos nas nossas Coroas, que são sementes, pelo que se pode acreditar, dedicadas aos ídolos, e talvez também cultivadas, obrigando com alguma violência aquela pessoa a não retirar. Morto um deles, carregam o cadáver para alguma selva e, colocando-o em fronthas bem untadas com óleo de palma e polvilhadas com *tacula*, por meio de encantamentos fazem parecer que está vivo, e quem se movimenta um pouco, mantém-se na referida posição durante oito dias contínuos, tempo determinado para a função do funeral.

199. Ndumbdù são chamados aqueles que, nascendo de pais negros, são muito brancos, com cabelos loiros e crespos, têm visão fraca e são incapazes de olhar para a luz do Sol; então, parece que eles são mais facilmente capazes de distinguir objetos na semiescuridão da noite. Perante os Nequiti acima mencionados, ficam em segundo lugar, e todos os outros se curvam diante deles com reverência. Os cabelos destes ministros impuros servem à superstição dos idólatras, que os consideram algo muito raro e os compram por um ótimo preço.

200. Alguns, que nascem com pés tortos e são chamados de Ndembela, têm fama de grande autoridade entre os Nequiti: o mesmo vale para os Pigmeus, ou Anões,

[p. 87] chamados pelo próprio nome de Ncucaca, ou Nguriambacca.

201. O sacerdote Ngurianambua encanta os elefantes e os leva a lugares onde podem ser capturados e mortos. Nbacassa faz o mesmo com as vacas selvagens. Npombolo com outras feras, e reza para ser um caçador muito capaz; suas caças, por estarem encantadas pela arte diabólica, não conseguem escapar nem se defender.

202. No último lugar da infame turma reservei um homem, chamado Atombola, porque este grande encantador, possui a quinta essência de toda maldade; ele se vangloria e gostaria de dar a impressão de que só ele pode ressuscitar os mortos; por isso, nos escritos (como eu mesmo já vi várias vezes), ele é intitulado “Nganga Matombolas”; isto é, “sacerdote dos homens ressuscitados”, alegando que esta sua virtude o autoriza como o maior e mais digno de todos. O artifício que utiliza na referida função é referido nestes termos:

Quando os parentes aflitos de alguém já falecido e sepultado recorrem a ele, implorando-lhe com urgência que o ressuscite, ele ordena que o desenterrem e o levem para a floresta; ali, colocando-o à vista de todos os seus confidentes, ele anda várias vezes em torno dele, forma figuras, círculos, personagens, invoca o Diabo, incensa e anda com mil cerimônias, tanto que, no final, o cadáver dá algum sinal de mover ora as mãos, ora os pés, ora a cabeça: após estas indicações, como se não estivesse satisfeito, ele replica os feitiços infernais com igual veemência, e além disso, vendo no cadáver movimentos que lhe parecem vitais, não retarda as operações até que pareça ilusório, que ele está de pé, que está caminhando pela floresta, que articula alguma voz, que recebe comida pela boca e que faz outras coisas indicando que está vivo: portanto, dado que seja o efeito prestigioso, ele o devolve aos parentes, mas com preceitos tão extravagantes e inobserváveis, que qualquer pessoa com bom senso pode argumentar a fraude; desde que aquele cadáver voltou ao seu estado anterior, ou aquela aparência fantástica desapareceu, a ilusão evidentemente se manifestou, e o engano diabólico, em qualquer forma, não poderia mais existir.

203. Que estes encantadores desenterrem os corpos é algo que sem dúvida aconteceu na minha época em vários lugares, quando passei pelas províncias de Sogno, Boenza, Sundi e outras; mas para que possam verdadeiramente restaurar a sua vida pela sua própria virtude, toda a razão católica e filosófica nos ensina que não; pedindo-lhes a única e onipotente Mão de Deus, que nunca contribui para operações semelhantes, totalmente diabólicas e prejudiciais a Sua Majestade; apenas tolerando que o Demônio decepcione seus seguidores, sob pena de sujeição voluntária oferecida por eles ao seu império tirânico: ele entra, portanto, na habitação imunda

[p. 88] e proporcional daqueles cadáveres, movimentando seus órgãos quando os encontra dispostos a articular vozes, ainda que imperfeitas; ou mesmo ele próprio, agitando o ar, os forma, mas o resto das operações são fracas, sutis e pouco inteligíveis (com exceção de vegetar, cozinar e similares, que são típicos da natureza dos animais e criaturas racionais) não são impossíveis para o Diabo, dada a sua agilidade, o próprio dom de espírito que ele é. Esta verdade que envolve ilusões semelhantes é inteiramente prestigiosa, embora não tenha maior necessidade de argumentos para se estabelecer; com tudo isto parece-me que permanece apoiado por uma observação feita; isto é, aquele cadáver aparentemente

ressuscitado não lhe fala, nem nunca se queixa do estado em que realmente se encontra; e embora seja muito certo que os pagãos não são condenados, deveríamos pelo menos às vezes ouvir da boca deles alguma história dos horríveis tormentos que a Alma sofre no Inferno: portanto, concluo com confiança, essa voz não pode ser a do Defunto, mas sim a do Diabo, que, sabendo que se prejudicaria, autenticamente não quer relatar o que acontece na outra vida.

204. Tal é a Escola de Ministros de Satanás, auxiliada por muitos outros ainda mais imundos, e mais ocultos, e de menor importância, que, de acordo com a diversidade dos encargos que lhes são prescritos, vagando por toda parte, fomentam a perfídia, disseminam erros e infectam o novo rebanho; em suma, só eles fraudam o lucro dos nossos esforços, e contra eles é necessário que empreguemos toda a nossa vigilância e todos os esforços; não sendo de outra forma extinta pelo ódio da idolatria, a antiga propensão do povo às cerimônias supersticiosas, é fácil para eles serem seduzidos; e muitos que não são bem educados, por simples ignorância e não por maldade, recuam novamente. Esta é uma advertência muito necessária a qualquer missionário, pois descobri muitos que, depois de terem recebido o Santo Batismo, continuaram a viver no mesmo engano, não tendo escrúpulos em algumas operações, que na verdade eram diabólicas e malditas.